

MARLÁTEGUI E A REVOLUÇÃO RUSSA: MARXISMO CRIATIVO E MILITANTE

Leonardo Octavio Belinelli de Brito¹
belinelli.leonardo@gmail.com

Rodrigo Santaella Gonçalves²
rodrigossantaella@yahoo.com.br

Introdução

O impacto da Revolução Russa na América Latina foi, forte e incerto. Além de ter impulsionado o surgimento de partidos comunistas no subcontinente, a Revolução de Outubro fez com que vários jovens e líderes políticos se convertessem ao marxismo, como exemplificaram os casos do chileno Luis Emílio Recabarren e do cubano Julio Antonio Mella (LOWY, 2012:16). Por outro lado, e contraditoriamente, reinava a ignorância quase completa sobre o que de fato ocorria no país de Lênin (KONDER, 2009, PERICÁS, 2012).

¹ Cientista político, doutorando em Ciência Política na Universidade de São Paulo.

² Professor de Sociologia do Instituto Federal do Ceará e doutorando em Ciência Política pela Universidade de São Paulo.

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

Essa recepção tensa do marxismo na região ocorreu no momento em que surgiram as crises dos regimes liberais-oligárquicos, grande parte dos quais originados na segunda metade do século XIX. A contraface desse processo crítico foi o surgimento dos ideais nacionalistas na América Latina, como indicou o caso da Revolução Mexicana. Ou seja, o nacionalismo conseguia, naquele momento, congrega as insatisfações dos setores populares e das camadas médias contra os desmandos oligárquicos das repúblicas latino-americanas. Deve-se entender o impacto da Revolução Russa na América Latina precisamente a partir das combinações e tensões que suas práticas e ideias estabeleciam com esse contexto. Isso fica evidenciado, por exemplo, na atuação do próprio Mella, que, se apoiava os bolcheviques irrestritamente – inclusive contra o nacionalismo aprista do líder peruano Victor Raúl Haya de la Torre –, também não deixava de enfatizar a importância da questão nacional. Como observou José Aricó:

Na América Latina [...] o leninismo se transformou na ideologia não só dos que o recuperaram no interior do movimento socialista, a partir de então distinto de outras correntes socialistas, como também na ideologia de todas aquelas forças que surgiram da crise do pós-guerra com objetivos de transformação política e social. Contra a ordem natural das coisas, o leninismo apoiava-se fortemente na subjetividade da luta de classes, na energia e na criatividade das massas, na vontade de poder de um grupo solidamente estruturado, de cuja energia, audácia e organização dependia fundamentalmente sua possibilidade de tornar-se Estado. Num continente desagregado e semicolonial, uma ideologia que tendia a situar tudo no terreno da política e que inspirava uma experiência social com a grandeza da soviética não podia deixar de se transformar num componente forte de todas as agregações políticas de tipo socialista ou nacionalista-revolucionária e populista, que proliferavam na América Latina dos anos 20 e 30. (ARICÓ, 1989:436)

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

Depreende-se desse cenário que o impacto da Revolução Russa na América Latina causou, a despeito do já citado desconhecimento geral sobre o processo revolucionário conduzido pelos bolcheviques, uma mudança profunda no seu quadro ideológico, especialmente no campo progressista. Em boa medida, essa transformação se deveu às reações de militantes e intelectuais frente ao marxismo, então identificado com a interpretação da III Internacional. Essas reações podem ser melhor compreendidas se formalizadas de maneira típica.

A primeira delas foi a de adesão às análises leninistas acerca das condições latino-americanas. Essa foi a postura daqueles intelectuais que se agruparam em torno dos então recém-criados partidos comunistas latino-americanos. Encontramos um exemplo dessa situação no caso do Partido Comunista Brasileiro (PCB), no qual “praticamente todos eles [os fundadores] eram mal informados a respeito das concepções de Marx, tinham noções extremamente vagas do marxismo” (KONDER, 2009:168). Ademais, somava-se a isso a precariedade das condições de atuação do partido. Em especial, nos interessa ressaltar que “as discussões começavam a se travar, cada vez mais, em torno da União Soviética; e o debate sobre os princípios teóricos ia ficando, na realidade, subordinado à controvérsia gerada pela Revolução Russa e pelo leninismo” (KONDER, 2009:170-1). O resultado teórico e prático dessa situação era a aquiescência absoluta e acrítica aos ditames preconizados por Moscou, então identificados como “a” verdade histórica, entendida em chave universalista.

Em contraste, a segunda reação típica de militantes e intelectuais de esquerda da região foi interpretar o marxismo, bem como os acontecimentos da Revolução Russa, como modelos inadequados para a interpretação teórica e ação política no contexto latino-americano. Ou seja: viam na Revolução Russa um acontecimento particular, de maneira que caberia aos partidos populares da

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

América Latina procurar o seu próprio caminho. O exemplo mais claro de um formulador dessa posição foi o já citado Victor Haya de la Torre.

É nesse universo político e ideológico que atuou o jornalista marxista peruano José Carlos Mariátegui. Negando as duas posições anteriores, Mariátegui buscava formular um “marxismo herético” (LOWY, 2011) que se opusesse tanto ao marxismo enrijecido dos partidos comunistas, como às teorias nacional-populistas (ARICÓ, 1989:439). Seu objetivo era compreender *concretamente* a realidade latino-americana, o que só poderia ser feito a partir do entendimento das determinações essenciais da história do subcontinente e não a partir de modelos exógenos. Ao mesmo tempo, Mariátegui via tais determinações como produto do processo de colonização pelo qual o seu país passou, o que lhe colocava na órbita da formação capitalista mundial. Para compreender essas questões fundamentais, o intelectual peruano recorria a diversas fontes para formular seu pensamento: lia intelectuais europeus de várias matrizes teóricas, bem como recolhia influências do pensamento político e cultural peruano e da tradição inca. Foi essa posição complexa que, inclusive, causou mal-entendidos acerca de suas ideias (ARICÓ, 1978). A originalidade de seu pensamento é que faz com que seu papel fundacional na criação de um marxismo autenticamente latino-americano tenha sido reconhecido por autores de diversos ramos da esquerda (LOWY, 2011; ARICÓ, 1978, QUIJANO, 2007).

Essa inventividade do marxista peruano também se expressava na variedade de interesses que tinha; além da atividade política, Mariátegui escreveu frequentemente sobre arte e cultura, sempre pensadas como expressões das

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

contradições reais e de suas potencialidades. Nesse sentido, Mariátegui via o plano cultural como um âmbito no qual também se expressava a luta de classes³.

O presente trabalho busca, neste contexto, assinalar como Mariátegui compreendeu a Revolução Russa. Mais especificamente, buscar-se-á indicar não só que a Revolução de Outubro foi um fato decisivo para a inflexão de Mariátegui em direção ao marxismo e à forma de interpretá-lo, mas também que em suas análises sobre ela já aparecem alguns elementos que constituirão o cerne de seu pensamento político, sobretudo relacionadas ao que chamamos de “nacionalização do marxismo”, tal como cristalizado no clássico *Sete ensaios de interpretação sobre a realidade peruana* (MARIÁTEGUI, 2007). Nesse sentido, sustentaremos que Mariátegui viu no processo revolucionário de 1917 alguns elementos que nutriram a conformação de sua perspectiva original, cuja raiz está em compreender a necessidade de “nacionalizar”, ou “traduzir”, o marxismo para os planos locais em que os militantes atuam (RICUPERO, 2000; KAYSEL, 2012; SANTAELLA GONÇALVES e BRITO, 2017). A exposição do artigo está organizada em torno de dois eixos, os quais só podem, segundo uma perspectiva dialética, ser separados analiticamente: cultura e política. Dividimos cada um deles em dois tópicos. Em cada sessão, procuraremos destacar, segundo as ideias mencionadas no parágrafo anterior, as linhas estruturantes do raciocínio de Mariátegui no que se refere aos acontecimentos do processo revolucionário de 1917 nesses dois planos.

³ Por economia de espaço e por fugir dos nossos objetivos nesse artigo, não poderemos detalhar como esse elemento aparece em sua análise sobre o Peru. Entretanto, cabe assinalar que evidências importantes nesse sentido são encontradas no último dos *Sete ensaios*, denominado “El proceso de la Literatura”. (MARIÁTEGUI, 2007:318 e seguintes).

A Revolução chega a Mariátegui: impactos culturais e percepção da necessidade de divulgação

Embora conhecido por razões mais imediatamente políticas, Mariátegui foi um pensador bastante interessado em questões artísticas e culturais. Se recordarmos o seu período pré-marxista, o qual ele teria chegado a denominar como sua “idade da pedra”⁴, poderemos notar que o interesse por esses aspectos da vida em sociedade despertou sua atenção antes mesmo da política (ALCIBÍADES, 2006:VIII). E mesmo depois de sua aproximação ao marxismo, ocorrida durante sua viagem à Itália entre 1919 e 1923, o peruano nunca abandonou as reflexões sobre matérias estéticas. Como nossa intenção aqui é destacar e analisar o lugar que as reflexões sobre os aspectos culturais surgidos do processo revolucionário de Outubro de 1917 tiveram no pensamento de Mariátegui, requer-se a exposição de certos momentos da transformação intelectual e política pela qual passou o autor de *Sete ensaios de interpretação sobre a realidade peruana*.

A partir de 1914, Mariátegui começou a exercer a atividade jornalística em Lima. Nesse período, passou a adotar, junto com seus colegas da revista *Colónida*, à qual aderiu em 1916, um estilo de vida e de reflexão que se aproxima do “dandismo”. Naquele momento, Mariátegui escreveu peças de teatro, poemas e crônicas que figuravam, por meio de um lirismo exacerbado, uma visão de mundo decadentista (ALCIBÍADES, 2006:X; PERICÁS, 2012:8), particularmente disseminada no fim do século XIX e início do XX. O próprio

⁴ Conforme comentário pertinente feito por um(a) dos(as) pareceristas deste artigo, não há um registro formal de que Mariátegui teria usado a expressão. Ela teria sido confirmada, entretanto, pelo seu filho, Javier Mariátegui e foi exposta no trabalho biográfico de Guillermo Rouillón, *La creación heroica de José Carlos Mariátegui: la edad de piedra* (1975). Agradecemos pela observação.

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

Mariátegui faz uma autocrítica no último ensaio de *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, quando destaca que o grupo ao qual havia pertencido tinha um “gosto decadente, elitista, aristocrático, algo mórbido” (MARIÁTEGUI, 2007:363). Com 23 anos, ele ainda prestava pouca atenção à Revolução Russa.

Esse quadro mudará com a sua viagem à Itália. Lá, Mariátegui passou por novas experiências intelectuais e políticas que impactaram profundamente seu pensamento. Na condição de correspondente do jornal *El Tiempo*, assistiu ao XVII Congresso do Partido Socialista Italiano (PSI), no qual a esquerda do partido, liderada por Antonio Gramsci e Amadeo Bordiga, rompeu com suas diretrizes e fundou o Partido Comunista Italiano (PCI). Sinal da mudança política e intelectual pela qual passava Mariátegui foi a tentativa, embora não bem-sucedida, de criar, junto com alguns amigos peruanos, um núcleo socialista no exterior.

Foi durante esse período que escreveu “O Crepúsculo da Civilização”, texto publicado em um periódico peruano em dezembro de 1922. Para os nossos propósitos, o interesse desse artigo reside na tentativa do jovem jornalista de combinar certos aspectos de suas influências prévias com o ânimo revolucionário russo, figurado na posição do escritor Máximo Gorki, que anunciava o fim da civilização burguesa europeia. Aproximando-se do marxismo, Mariátegui afirmava nessa ocasião a inevitabilidade do “fim da Europa”, a qual, no entanto, possuiria o germen de uma “nova civilização” (Cf. MARIÁTEGUI, 2012a: 53).

A partir de então, embebido das influências políticas adquiridas na sua vivência italiana, onde conheceu os debates políticos mais avançados da época – nos quais, como se sabe, o tema da Revolução Russa ocupava lugar destacado –, Mariátegui passa a se distanciar definitivamente da tentativa de combinar o

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

“decadentismo” de sua fase anterior com o marxismo de sua nova fase⁵. Depois do seu retorno ao Peru, adota uma postura de defensor e propagandista da causa bolchevique, o que se explica não só pela sua adesão ao marxismo e à Revolução Russa, mas também pela força da propaganda antissoviética que predominava no Ocidente. Nesse sentido, deve-se compreender sua atuação jornalística em chave mais ampla, como observou Luiz Bernardo Pericás (2012), para quem os esforços empreendidos por Mariátegui na divulgação da realidade soviética são comparáveis com aqueles feitos por intelectuais progressistas no resto do continente, entre os quais se destacam Caio Prado Júnior, William Z. Foster, Heitor Ferreira Lima, Octavio Brandão, Vittorio Codovilla, Rodolfo Ghioldi, Alvarez del Vayo, John Reed, entre outros. Isso fica especialmente claro na conferência “A Revolução Russa”, proferida em 13 de julho de 1923, na sede da Federação de Estudantes do Peru. Nela, Mariátegui destaca o caráter preliminar de sua exposição, que tinha justamente o intuito de introduzir os ouvintes aos acontecimentos mais fundamentais do processo revolucionário russo (Cf. MARIÁTEGUI, 2012b: 55-6). O que importa destacar aqui é a ênfase de Mariátegui no caráter *democrático* da Revolução Russa, e em especial dos bolcheviques, que seriam os únicos agentes daquele processo político a terem um programa político popular, com base na reforma agrária e na paz diante da

⁵ Mariátegui passa, então, a usar “decadente” como arma de crítica à cultura burguesa, como revela, entre outros trechos, o seguinte: “En Lima, este cosmopolitismo se traduce en la limitación, entre otras cosas, de nos pocos corrosivos decadentismos occidentales y en la adopción de anárquicas modas finiseculares.” (MARIÁTEGUI, 200:296). Cabe recordar que o afastamento progressivo de Mariátegui em relação ao decadentismo já aparecia no final da segunda década do século XX, embora ainda não tivesse aderido ao marxismo. Isso fica claro, por exemplo, quando funda, com César Falcón, o jornal *La Razón*, o qual tomava o lado dos trabalhadores na luta pelo estabelecimento da jornada de trabalho de oito horas, bem como o lado dos estudantes no movimento da reforma universitária.

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

guerra. Nessa argumentação aparece algo que balizará o seu pensamento futuro sobre sua nação: a necessidade de conjugar democratização com alterações profundas nas condições de vida das classes populares.

Embora nunca tenha viajado à Rússia, Mariátegui se esforçou para conhecer os principais acontecimentos do país e as reflexões de vários de seus personagens, como demonstram as traduções de textos publicadas na *Amauta*, revista que fundou em 1926. Nela, foram traduzidos textos de Vladimir Lenin, Leon Trotski, Máximo Gorki, Vladimir Maiakovski, Boris Pliniak, Mikhail Zozchenko, Fedor Gladkov, Nicolai Bukharin, George Plekhanov etc. (PERICÁS, 2012: 27-29).

A ênfase que Mariátegui conferia às renovações culturais que os bolcheviques estabeleciam na União Soviética deve ser entendida a partir da ideia de que, segundo ele, os dirigentes revolucionários se puseram a criar, no plano geral, uma nova civilização e, no plano particular, democratizar o acesso dos russos à cultura. A imbricação desses dois planos aparece, por exemplo, na forte valorização que Mariátegui faz da atuação de Anatóli Lunatcharsky, o então Comissário de Instrução Pública da União Soviética.

A Revolução Russa foi declarada, em sua primeira hora, uma ameaça para a Civilização. O bolchevismo, descrito como uma horda bárbara e asiática, criava fatalmente (segundo o coro inumerável de seus detratores) uma atmosfera irrespirável para a Arte e a Ciência. Formulavam-se os mais lúgubres augúrios sobre o futuro da cultura russa. Todas estas conjecturas e apreensões já estão liquidadas. A obra mais sólida da Revolução Russa talvez seja precisamente aquela realizada no terreno da educação pública. [...]Lunatcharsky, ignorado pelo mundo até sete anos atrás, é atualmente um personagem de estatura mundial. (MARIÁTEGUI, 2012c:101)

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

Por meio da instrução pública, os revolucionários russos teriam logrado não só preservar e democratizar a cultura que antes era privilégio das camadas dominantes do período czarista, mas também estariam criando o que Mariátegui chamava de uma “cultura proletária” (cf. MARIÁTEGUI, 2012c:102). Nesse plano, aparecem dois problemas que balizam as reflexões de Mariátegui sobre o lugar da cultura no processo revolucionário russo: por um lado, o da relação entre arte e engajamento e, por outro, o lugar que as camadas populares deveriam ocupar nesse processo de renovação cultural.

Civilização, arte e cultura: Gorki, Tolstoi e Dostoievski

Conhecedor da literatura russa (PERICÁS, 2012:30), Mariátegui verá na figura de Gorki – autor que o peruano entrevistou pessoalmente e sobre o qual escreveu e se pronunciou costumeiramente (MARIÁTEGUI, 2012d; MARIÁTEGUI, 2012e; MARIÁTEGUI, 2012f) - a síntese mais positiva desses problemas.

Máximo Gorki é o romancista dos vagabundos, dos párias, dos miseráveis. É o romancista das sarjetas, da má vida e da fome. A obra de Gorki é peculiar, espontânea, representativa deste século de multidões, do Quarto Estado e da revolução social. Muitos artistas contemporâneos extraem seus temas e seus personagens das camadas plebeias, inferiores. A alma e as paixões burguesas já foram demasiadamente exploradas e, portanto, são um tanto antiquadas. Já no caso do proletariado, ao contrário, existem novos matrizes e linhas insólitas (MARIÁTEGUI, 2012d:121)

A literatura de Gorki conteria uma qualidade que a tornaria especial: ela se debruçaria sobre uma plebe “autenticamente russa” (cf. MARIÁTEGUI, 2012:121), o que lhe conferiria concretude e realismo, possibilitados apenas porque Gorki seria um de seus membros. Para Mariátegui, Gorki “foi um de seus

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

críticos [da Revolução Russa], um de seus cronistas e um de seus atores. Não fez a revolução russa; mas a viveu” (idem:121). Nessa acepção, o peruano parece ver nos mujiques retratados por Gorki a própria figuração da “questão nacional” russa, o que lhe conferiria um paralelo com a questão indígena no Peru, pedra-de-toque da reflexão política mariateguiana sobre sua nação. Em outros termos: Mariátegui já percebe em sua análise sobre a literatura de Gorki a necessidade de compreender as profundas especificidades das classes populares, pois seria apenas a partir dessa apreensão que surgiria a possibilidade de uma ação política transformadora *concreta*. Desse modo, podemos perceber esse texto, publicado originalmente no livro *La escena contemporánea* (1925), como um momento do processo de maturação do pensamento de Mariátegui, o qual se nutriu decisivamente dos acontecimentos da Revolução de 1917.

Convém notar, entretanto, que essa análise de Mariátegui sobre Gorki carrega uma tensão interna que, se não chega a se tornar uma contradição sem síntese, denota um outro lado do processo de formulação e amadurecimento do autor, como bem observou Mirla Alcibíades (2006:XII). Afinal de contas, Mariátegui, simultaneamente, observa que Gorki era um membro, por assim dizer, “original” da plebe russa, o que lhe conferiria uma vantagem no entendimento das suas principais características, mas assinala que ele representaria a posição típica dos intelectuais, para os quais “falta [...] a fé necessária para envolver-se de forma facciosa, disciplinada e sectária nos quadros de um partido. Tendem uma atitude pessoal, distinta e arbitrária perante a vida” (MARIÁTEGUI, 2012d:121). De passagem, vale deixar registrado que o problema ao qual o peruano alude – a relação entre engajamento e arte – é clássico na literatura marxista, inclusive gerando debates acalorados (EAGLETON, 2001; MACHADO, 2016), nos quais as reflexões sobre os

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

clássicos russos ocuparam lugares destacados (LUKÁCS, 1955; 1964; 1965; BRECHT, 1978). Essa coincidência temática involuntária, porém objetiva, revela o atualismo que presidia o pensamento de Mariátegui.

Três anos depois, em artigo originalmente publicado com o título “La última novela de Maximo Gorki”, Mariátegui deixará de lado suas críticas ao comportamento de Gorki; ao contrário, buscará assinalar que, mesmo afastado da Rússia, o escritor continuava fiel ao regime bolchevique. Essa fidelidade se exprimiria no plano propriamente literário, na medida em que Mariátegui identificará em *Os Artamanov*, o referido romance de Gorki o qual resenhou nessa ocasião, não só a figuração da fragilidade e decadência da burguesia russa (MARIÁTEGUI, 2012e), mas também o primeiro fruto do que chama de “verdadeiro realismo”, entendido como a realização adequada e superior do realismo burguês. É nesse sentido que Anibal Quijano (2007: CX) aproxima a concepção de literatura de Mariátegui à noção de “realismo crítico” de Györgi Lukács, que, como o peruano, colocará Gorki dentre os grandes escritores realistas do século XX (LUKÁCS, 2016:249). É especialmente interessante observar que essa concepção de realismo é *ampla* em relação ao realismo típico do período de ascensão burguesa. Será bem-sucedida, para Mariátegui, uma literatura que consiga

[...] uma realização discursiva que abjure da tendência descritiva imposta pela estética realista, para favorecer o império da imaginação e fantasia que postula o suprarrealismo. Em grandes traços, será suprarrealista o texto que supere o individualismo de raiz romântica, que vá além da inclinação de idealizar e mitificar a conduta e a psique humana; que, contra a banal tendência a idealização dos sentimentos, saiba incorporar questões poucas vezes tomadas em conta, [...] que saiba estimular os sentimentos de liberdade e justiça, que rechace o sentimentalismo humanitarista, que tenha uma nova concepção filosófica e

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

histórica do homem, que vá além do individualismo oitocentista para dar preeminência à multidão e que saiba insuflar esperanças no coletivo [...] (ALCIBÍADES, 2006:XVIII-XIX)⁶

É a partir dessa posição que Mariátegui verá em Gorki um descendente intelectual e político de Leon Tolstoi, autor que teria conferido centralidade à especificidade do povo russo em sua literatura. Por isso mesmo, Tolstoi teria voltado suas atenções para os aspectos orientais de seu povo (Cf. MARIÁTEGUI, 2012g:194), embora também se nutrisse da cultura ocidental. Mas, em contraste com Tolstoi, Gorki não teria a mesma aversão aos aspectos tecnológicos da vida moderna, nem a mesma índole patriarcal, o que resultaria em uma visão de mundo mais atual de sua parte. Essa relação tensa entre a Revolução Russa e Tolstoi aparece da seguinte forma no pensamento de Mariátegui:

A dívida da Rússia a Tolstoi encontra no poder os espíritos mais bem dispostos a pagá-la. *Os marxistas russos estão unidos à civilização oriental, exatamente pelo lado oposto que Tolstoi. A realização de seu ideal depende tanto do emprego da ciência e da técnica ocidentais, quanto de uma concepção enérgica, ativista e operante da vida. O capitalismo não pode ser superado e vencido com outras armas. Tolstoi, camponês e aristocrata, intimamente, não podia compreender isso. A Rússia, para realizar sua revolução, teria que dizer oportunamente adeus à doutrina tolstoiana sem renegar Tolstoi, que tão definitivamente fica inserido em sua história.* (MARIÁTEGUI, 2012g:195 – grifo nosso)

Por outro lado, Tolstoi e Gorki se contraporiam à “literatura de estirpe dostoiévskiana [que] reflete, em minha opinião, a neurose de uma burguesia atrasada, que não chegou a encontrar seu equilíbrio no poder político” (MARIÁTEGUI, 2012g:196). O fundamento dessa interpretação reside na

⁶ Por isso, o mesmo Quijano afirmará que Mariátegui também seria um precursor do “realismo mágico” latino-americano. (Cf. QUIJANO, 2007:CX-CXI)

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

contraposição que o peruano estabelece entre certo irracionalismo da burguesia russa, representada na obra de Dostoiévski, e a racionalidade superior dos bolcheviques, figurada na obra de Gorki. “Dostoiévski traduziu em sua obra a crise da *Intelligentsia* russa, como Lenin e sua equipe marxista se encarregaram de resolver e superar. Os bolcheviques opunham um realismo ativo e prático ao misticismo espiritualista e inconclusivo da *Intelligentsia* dostoiévskiana [...], l. (MARIÁTEGUI, 2012h:224)

Vale destacar que essa oposição que Mariátegui traça entre essas duas linhagens da literatura russa não é casual; ao contrário, está ligada à sua concepção sobre a relação entre ética e estética e constitui uma interpretação que encontrará ecos nas suas análises acerca da produção literária soviética. Por exemplo, tentará filiar *O Diário de Kostia Rabtzev*, de N. Ognev à literatura realista de Gorki (MARIÁTEGUI, 2012i:247), bem como *O cimento*, de Fedor Gladkov (MARIÁTEGUI, 2012:272)

É forçoso notar, como frisa Pericás (2012:31), que, observados da perspectiva de hoje, os juízos de Mariátegui sobre a literatura russa parecem datados, como indica a sua valorização de autores que passaram para a história como marginais. Em particular, essa situação se deve à valorização *literária* excessiva que Mariátegui conferia aos romances que descreviam as dificuldades e esperanças do processo revolucionário russo. Diante desse enfoque, escritores da grandeza de Dostoiévski e Tolstoi só poderiam ocupar um lugar secundário. Por outro lado, isso não deve tornar a posição de Mariátegui menos relevante, na medida em que ela deve ser compreendida em termos históricos: aquele era um momento de experimentalismo e expectativas para o campo cultural e político da esquerda – e não à toa gerou bons frutos, como o cinema soviético do período. Mas essa linha argumentativa em defesa do realismo culminou na instauração do

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

chamado “realismo socialista”, que selou o destino literário de gerações de escritores soviéticos.

Sinal de que o raciocínio estético de Mariátegui, ao menos no que se refere à produção soviética, era pautado por questões anteriores – isto é, externas – à arte é a de que “Mariátegui achava que a *única* literatura russa válida era aquela produzida na União Soviética, aquela que expressaria o *verdadeiro* realismo (o dos proletários), cheio de vitalidade, representando, assim, o futuro da arte contemporânea” (PERICÁS, 2012:32; Cf. MARIÁTEGUI, 2012k:157). Por outro lado, a interpretação de que a civilização burguesa era decadente levava o revolucionário peruano a diminuir alguns de seus feitos estéticos, embora tenha valorizado pontualmente escritores contemporâneos, como James Joyce (MARIÁTEGUI, 2006:90).

Para retomar um fio de nossa argumentação, parece-nos possível afirmar que Mariátegui via na cultura soviética, então em transformação, o mérito de figurar as características de seu povo, o qual passava a ser sujeito de sua cultura. Conjugada com a democratização do acesso à arte, essa revolução cultural propiciava a afirmação das classes populares. Essa situação concreta parece ter influenciado decisivamente as suas reflexões sobre os dilemas da sociedade peruana, que vivia problema similar: a sua parcela popular, majoritariamente indígena, estava excluída do processo político e cultural nacional. Daí que a transformação da cultura do país, aproximando-a de seu povo, fosse vista como um instrumento decisivo para a revolução peruana, a qual deveria passar justamente pela afirmação de suas classes populares como sujeitos. Assim, é possível indicar que Mariátegui parece ter aprendido uma lição decisiva com a Revolução Russa: para uma transformação efetiva, seria preciso levar a sério as especificidades de seu povo e a forma como a exploração – resultada de

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

articulações globais - que sofria resultava em certas formações sociais e culturais, como revela a sua análise sobre o indigenismo em *Sete ensaios* (MARIÁTEGUI, 2007) e no *El problema de las razas en la América Latina*. Dialeticamente, Mariátegui compreendida que aquilo que *aparecia* como o problema das raças no Peru – ou como o problema dos mujiques na Rússia – era algo além disso: era, essencialmente, um problema de exploração que só poderia ser superado por meio da compreensão das relações sociais específicas que esse processo de exclusão econômica, política e cultural instaurava em cada localidade. Por sua vez, essa compreensão poderia ser facilitada pela absorção *crítica* de teorias estrangeiras, como evidencia Mariátegui no final dos seus *Sete ensaios*, no qual, ao analisar a literatura peruana contemporânea, enxerga uma relação tensa e frutífera do localismo e cosmopolitismo: “Pero, bajo este flujo precario, un nuevo sentimiento, una nueva revelación se anunciam. Por los caminos universales, ecuménicos [...] nos vamos acercando cada vez más a nosotros mismos.” (MARIÁTEGUI, 2007:296).

Questões internas da Revolução Russa: Mariátegui e Trotsky

Se até aqui destacamos mais enfaticamente as considerações de Mariátegui a respeito dos aspectos artísticos e culturais da Revolução de Outubro e demonstramos como nessas análises estavam presentes já aspectos fundamentais do pensamento do marxista peruano, faz-se importante analisar elementos mais imediatamente políticos de sua análise sobre a Revolução. Pretendemos demonstrar aqui que duas das características fundamentais de Mariátegui – o apreço pela fusão do nacional com o universal e o marxismo

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

eminentemente militante – estão presentes também em suas reflexões acerca de aspectos políticos da Rússia depois da revolução.

A primeira grande preocupação de Mariátegui com relação à Revolução foi divulgar informações e apresentar – em um contexto que, como vimos, era ideologicamente hostil às ideias comunistas – o processo revolucionário e a construção da Rússia pós-1917 a partir de uma ótica positiva, ainda que não meramente panfletária. Essa preocupação está colocada desde seus primeiros textos mais sistematizados, como o já citado “A Revolução Russa”, de 1923, até o último texto escrito por ele sobre a Rússia, publicado na revista Mundial em 1 de março de 1930, apenas 46 dias antes de sua morte. Neste texto, intitulado “Mobilização Antissoviética”, Mariátegui demonstra preocupação em desconstruir as “notícias desfavoráveis ao curso da política soviética”, na medida em que se presenciava “uma nova mobilização antissoviética” (Cf. MARIÁTEGUI, 2012:281-2).

Como veremos adiante, a preocupação com a defesa da Revolução Russa diante dos ataques midiáticos nacionais e internacionais não significava qualquer tipo de adesão acrítica às políticas internacionais impulsionadas a partir da URSS através da III Internacional. Entretanto, nos textos de divulgação e de ampla circulação, a prioridade de Mariátegui era a defesa da Revolução em seus aspectos fundamentais, e daí a sua busca em evitar polêmicas ou aprofundar alguns temas.

Essa atitude de Mariátegui com relação à forma de divulgação dos feitos da Revolução fica nítida quando refletimos sobre suas opiniões acerca de León Trotsky, que, depois de ser protagonista na Revolução de 17 e nos anos da guerra civil no comando do Exército Vermelho, foi aos poucos afastado da política russa por suas posições crescentemente críticas com relação aos métodos e

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

políticas de Josef Stalin. Em diversos momentos, Mariátegui expressou grande admiração por Trotsky, como sinaliza o fato de ter dedicado três textos à análise de seu pensamento e ação. Dois deles foram escritos em momentos-chave do processo de isolamento de Trotsky: um em 1925, refletindo sobre seu afastamento dos principais cargos no partido e outro em 1929, quando foi expulso definitivamente da União Soviética. Mariátegui reconhecia em Trotsky um dos grandes líderes da revolução bolchevique que, “ao contrário da maior parte dos estadistas da burguesia, é um homem capaz de julgar com a mesma inteligência uma questão econômica e uma questão filosófica ou artística” (MARIÁTEGUI, 2012m:177). Esse era, talvez, o aspecto mais admirado por Mariátegui em Trotsky: enquanto “os penetrantes estudos de Lenin abarcaram apenas as questões políticas e econômicas”, Trotsky “interessou-se também pelas consequências da revolução na filosofia e na arte” (MARIÁTEGUI, 2012n: 95).

Seguramente havia aí um aspecto de identificação de Mariátegui com a forma como Trotsky analisava a realidade. Se para Mariátegui o aspecto artístico e cultural era premente e não estava separado das discussões políticas, na URSS o principal representante desse tipo de pensamento era Trotsky, que acreditaria que a partir da crise cultural do Ocidente e da revolução socialista emergiria, aos poucos, uma nova cultura. Encontramos uma síntese da visão de Mariátegui sobre Trotsky na seguinte passagem:

Algumas pessoas só conhecem o Trotsky marcial de tantos retratos e caricaturas; o Trotsky do trem blindado; o Trotsky ministro da Guerra e generalíssimo; o Trotsky que ameaça a Europa com uma invasão napoleônica. Esse Trotsky na verdade não existe: é quase unicamente uma invenção da imprensa. O Trotsky real, verdadeiro, é aquele revelado por seus escritos. Um livro apresenta sempre uma imagem mais exata e mais verídica de um homem que um uniforme. Um

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

generalíssimo, inclusive, não pode filosofar tão humana e tão humanitariamente como ele (MARIÁTEGUI, 2012n:98).

A admiração de Mariátegui por Trotsky não se traduzia, entretanto, em nenhum tipo de adesão política mecânica às suas ideias, sobretudo nos enfrentamentos com Stalin no interior da União Soviética. Pelo contrário, Mariátegui discute pouco as questões polêmicas da Rússia pós-revolucionária em seus textos, e quando o faz, não adere explicitamente a nenhuma tese de oposição, liderada por Trotsky.

Nas discussões acerca do problema da democracia interna do partido bolchevique, em texto escrito imediatamente antes do que citamos acima, em 1925, Mariátegui descrevia a história de distanciamento de Trotsky com a velha guarda do partido e como isso implicava dificuldades para o primeiro nas disputas internas. Ao final desse texto, Mariátegui afirmava que a saída de Trotsky dos cargos que ocupava no partido não implicaria uma grande cisão e que os líderes bolcheviques terminariam por realizar suas reivindicações por mais democracia no partido; esse argumento se baseava na adesão formal da maioria à fórmula da democracia operária no XIII Congresso do Partido Comunista.

Em um dos textos mais interessantes sobre as polêmicas da Revolução, Mariátegui parte da consternação com o exílio de Trotsky em 1929. Nele, afirma que a opinião trotskista tem uma função importante na URSS, pois ela representaria a “ortodoxia marxista, frente à fluência desbordada e indócil da realidade russa” (MARIÁTEGUI, 2012o:201). Além disso, seria uma crítica vigilante, sem a qual “o governo soviético correria o risco de cair num burocratismo formalista e mecânico”, apesar de que, até aquele momento, para Mariátegui, os fatos não davam razão para a oposição trotskista (id.ibid.:202). Neste sentido, pode-se supor que Mariátegui não tinha elementos para antecipar

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

a conclusão de que já estava em curso um processo marcado de “burocratismo formalista e mecânico” no Partido Bolchevique. Entretanto, dado o nível de suas informações e as suas posições acerca de Trotsky, talvez seja importante buscar outras hipóteses explicativas para esse excessivo otimismo em um momento no qual o problema da democracia interna do partido bolchevique avultava.

Trabalharemos aqui com duas hipóteses complementares. Em primeiro lugar, é possível conjecturar que o peruano se abstinhasse de fazer determinadas análises ou de aprofundar-se em algumas questões nesses textos justamente pelo seu engajamento militante na divulgação da Revolução Russa. Se as polêmicas da revolução eram importantes, a divulgação apressada delas em textos de circulação ampla no Peru poderia contribuir mais para os ataques conservadores à URSS do que para qualquer tipo de esclarecimento ou aprofundamento do debate. Essa hipótese, também aventada indiretamente por Pericás (2012:33-34) pode ser reforçada se pensarmos que Mariátegui praticamente não dedicou nenhuma linha de seus escritos a Joseph Stalin, o que resulta em contraste significativo com o fato de ter dedicado três textos a Trotsky e outros a figuras como Zinoviev e Lunatcharsky. Em geral, as menções a Stalin são muito modestas e aparecem em textos sobre Trotsky, contrastando suas posições ou afirmando que o primeiro teria adotado algumas percepções do último. Essa omissão com relação a Stalin (PERICÁS, 2012:34) é no mínimo estranha, se tivermos em conta a importância daquele que já era – e foi por décadas – o principal dirigente do Partido Bolchevique e da URSS depois de Lênin. Talvez fosse uma forma de evitar a obrigação de lidar com temas espinhosos em um contexto de divulgação do regime do qual seria um defensor.

Em segundo lugar, há outro aspecto a ser destacado e que pode servir de hipótese complementar à primeira. Se Mariátegui – ao lado de Lênin e Gramsci –

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

é um dos principais exemplos daquilo que, com Ricupero (2000), Tapia (2002) e Kaysel (2012) e nós chamamos em outro trabalho de “nacionalização do marxismo” (Cf. SANTAELLA GONÇALVES e BRITO, 2017), é justamente porque soube aliar a universalidade do marxismo (e a percepção de que o sistema capitalista só pode ser superado internacionalmente) às particularidades da realidade concreta peruana. No caso da Rússia e das polêmicas entre Stalin e Trotsky, Mariátegui associava este último à “ortodoxia marxista”, ao cosmopolitismo e ao internacionalismo, enquanto Stalin, “eslavo puro”, representaria mais o caráter e o sentimento dos problemas nacionais russos (MARIÁTEGUI, 2012o:204).

Ainda que Mariátegui afirmasse a necessidade de síntese entre os dois movimentos, ele defendia que aquela etapa da Revolução Russa - um momento de refluxo internacional e de ataques, sobretudo ideológicos, à URSS -, o mais importante era de defesa da própria Revolução. Sendo assim, cabe imaginar que Mariátegui, na polêmica que se traduziria como “Socialismo num só País” *versus* “Internacionalismo”, se posicionaria, no plano das ideias, com o último, o que o aproximaria de Trotsky (PARSON, 1999). Entretanto, na análise concreta com relação às polêmicas russas, não deixava de considerar a importância do “período de organização nacional” (MARIÁTEGUI, 2012o:204).

Ni calco, ni copia: teoria e prática a partir da Revolução

Se nas análises de Mariátegui acerca da Revolução Russa aparecem fortes elementos característicos de sua trajetória e de sua percepção do marxismo, são em duas ausências que elas ficam talvez mais evidentes. A primeira delas é a de Stalin, conforme já exploramos; a segunda, e mais marcante, é a ausência da

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

América Latina e a do próprio Peru nas reflexões mariateguianas sobre a Rússia. Em nenhum momento de seus textos acerca da Revolução Russa, Mariátegui relaciona a situação vivida pelos bolcheviques à situação peruana. Isso demonstra a seriedade com a qual o marxista peruano tratava a pesquisa e a reflexão sobre as particularidades da nação. Em outras palavras, à forma como as particularidades russas se fundiram com as questões universais trazidas pelo marxismo. Nesse sentido, seu objetivo político era justamente o de realizar um processo similar, que por definição não poderia ser nem “calco nem cópia”, no Peru.

“Oportunidades” para analogias entre Peru e Rússia não faltaram. Em texto de 1928, Mariátegui descrevia a burguesia russa, cuja neurose teria sido retratada pelos grandes romancistas russos; tratava-se de uma burguesia que “não pôde construir um Estado democrático e capitalista” e que “produziu todo tipo de renegados, de niilistas e de utopistas” (MARIÁTEGUI, 2012p:186). Teria sido fácil, no mesmo ano em que consolida sua ruptura com Haya de la Torre a partir da discordância sobre a necessidade/viabilidade de alianças com a burguesia nacional peruana para cumprir as supostas tarefas nacional-democráticas da revolução, produzir analogias superficiais para fortalecer sua intervenção política no Peru. Entretanto, esse não era o seu estilo de polêmica: o marxista peruano construía suas divergências a partir de análises muito concretas sobre a realidade peruana.

A principal preocupação de Mariátegui, análoga à de Gramsci, era a de construir uma vontade-nacional popular no Peru e uma reforma intelectual e moral que fossem premissas para a construção do socialismo (PORTANTIERO, 1993:57). Neste sentido, se nos momentos de divulgação em textos de maior circulação Mariátegui não polemizava com questões cruciais

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

para o curso da Revolução na Rússia, na sua formulação política concreta para o Peru, Mariátegui defendeu linhas significativamente diferentes daquelas impostas pela III Internacional aos partidos a ela filiados no final dos anos 1920.

Como demonstra Aníbal Quijano (2007:XLVII), o retorno de Mariátegui da Europa pode ser dividido em dois momentos. O primeiro seria marcado pela sua relação polêmica com a APRA; nele, foram escritos os textos dos *Sete Ensaíos*. Um segundo momento, que duraria até sua morte, teria se iniciado a partir de sua ruptura com aquela organização em 1928 e seria marcado pelo amadurecimento de sua produção teórica e de maior foco na organização política.

Nessa altura, a APRA já havia se colocado como alternativa à III Internacional. Como membro do Conselho Geral da Liga Contra o Imperialismo, o marxista peruano formaliza sua entrada na III Internacional e é convidado, com seu grupo, para participar do Congresso Constituinte da Confederação Sindical Latino-Americana, realizado em maio de 1929 em Montevideú, e da Primeira Conferência Comunista Latino-americana, realizada em Buenos Aires em junho (id.ibid). Entretanto, Mariátegui não foi às conferências devido ao seu precário estado de saúde. Ainda assim, escreveu diversos documentos de contribuição, entre eles *Punto de Vista Anti-imperialista* e *O Problema das Raças na América Latina*.

Y, especialmente en esta última [na conferência de Buenos Aires], su posición política expresada en esos documentos así como su concepción del partido y del carácter y el programa estratégico de la revolución peruana, entran en fuerte polémica con la dirección oficial de la III Internacional en esa reunión, iniciándose así una etapa en la cual, al mismo tiempo, Mariátegui y el Partido Socialista del Perú entran a formar parte de la III Internacional, y abren una polémica fundamental con la dirección oficial de aquella (QUIJANO, 2007:XLVIII)

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

As principais polêmicas eram duas. A primeira versava sobre o caráter do partido. Enquanto a direção da Internacional convocava à construção de um partido comunista e de base apenas operária para combater a influência aprista nos trabalhadores, a partir da análise concreta da composição de classes do Peru, a ata de fundação do Partido Socialista, redigida por Mariátegui, dizia:

La lucha política exige la creación de un partido de clase, en cuya formación y orientación se esforzará tenazmente por hacer prevalecer sus puntos de vista revolucionarios clasistas. De acuerdo con las condiciones concretas actuales del Perú, el Comité concurrirá a la constitución de un Partido Socialista, basado en las masas obreras y campesinas organizadas (MARIÁTEGUI, 1928, grifo nosso)

Ora, aqui já se colocava uma polêmica importante, e a posição de Mariátegui não só era baseada em uma análise concreta da realidade peruana, como foi implementada como linha política a despeito das orientações da Internacional. Depois de sua morte, a intervenção da III Internacional converteu o partido em Partido Comunista Peruano, e aos poucos levou ao seu progressivo isolamento político (QUIJANO, 2007: CVII). De qualquer forma, cabe assinalar que, como vimos, Mariátegui destacou que um dos méritos dos revolucionários russos foi compreender os camponeses de seu país – o que a teorização da III Internacional rejeitava.

A outra polêmica é aquela que se referia aos setores da sociedade aos quais caberia a direção do processo revolucionário, cujo foco seriam as tarefas democráticas e nacionais no Peru. No final da década de 1920, antes da “virada ultra-esquerdista” da Internacional, a orientação política adotada para os países coloniais era de colaboração com as burguesias nacionais, que deveriam dirigir a etapa democrático-nacional das revoluções nesses países. Isso implicava uma aliança política com as burguesias nacionais e a expectativa de que elas dirigiriam

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

processos de luta anti-imperialista. A APRA, no Peru, era a principal organização política que encampava essa ideia. Neste sentido, a polêmica de Mariátegui era exatamente contra a APRA, mas indiretamente atingia também a linha política da Internacional. Os pontos 5 e 8 do programa do Partido Socialista do Peru são muito esclarecedores neste sentido. Neles se afirma que a emancipação do país só é possível pela ação das massas proletárias, solidárias com a luta anti-imperialista mundial, e que cumprida a etapa democrático burguesa liderada por essas massas, a revolução devém, em seus objetivos e sua doutrina, proletária. (Cf. MARIÁTEGUI, 1929).

A partir das condições peruanas, para as quais o Partido Socialista deveria “adaptar sua práxis”, Mariátegui chega a formulações completamente antagônicas às da III Internacional; e se considerarmos o ponto 8, constatamos que elas se parecem com o conceito de “revolução permanente” desenvolvido por Trotsky⁷.

Portanto, o que chama a atenção é que, mesmo que em nenhum momento o marxista peruano tenha se aprofundado na análise das polêmicas da Revolução Russa, ele parece tê-las abordado no final de sua vida a partir das tarefas e das demandas concretas da realidade peruana.

⁷ O ponto 8 do programa do PSP diz: “Cumplida su etapa democrático-burguesa, la revolución deviene, en sus objetivos y su doctrina, revolución proletaria. El partido del proletariado, capacitado por la lucha para el ejercicio del poder y el desarrollo de su propio programa, realiza en esta etapa las tareas de la organización y defensa del orden socialista” (MARIÁTEGUI, 1929). A segunda das teses de Trotsky sobre a revolução permanente, por sua vez, diz: “Para os países de desenvolvimento burguês atrasado e, em particular, para os países coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a resolução íntegra e efetiva das suas tarefas democráticas e de libertação nacional somente pode ser concebida por meio a ditadura do proletariado, que se coloca à cabeça da nação oprimida e, primeiro de tudo, das suas massas camponesas.” (TROTSKY, 1930).

Conclusão

A forma como Mariátegui compreendeu a Revolução Russa foi decisiva para o desenvolvimento de algumas das principais características de seu pensamento: ele a viu como um processo que só teve alcance universal na medida em que soube “adaptar sua práxis” marxista às condições concretas da Rússia, isto é, na medida em que foi capaz de “nacionalizar” o marxismo nesse país. Essa percepção permeia todo o pensamento de Mariátegui, que buscava fazer um processo análogo – e, portanto, sabidamente bastante diferente - no Peru. Na forma como Mariátegui divulga a revolução, em sua análise de seus principais expoentes culturais e literários, na forma como lida com as polêmicas internas, sempre está presente a principal marca de seu pensamento: a preocupação em compreender concretamente a realidade a partir do marxismo – processo que denominamos aqui “nacionalização” do marxismo.

As polêmicas nas quais entrou contra a linha política adotada pela III Internacional nunca se deveram às análises que Mariátegui fazia do próprio processo russo ou a vinculações políticas provenientes de análises como essas. Pelo contrário, elas eram consequências políticas diretas das análises que ele fazia da realidade peruana, e das discordâncias que delas foram geradas com a APRA.

Neste sentido, as considerações acerca dos aspectos culturais e artísticos e as discussões – relacionadas aos aspectos de política interna da Revolução sempre estiveram, de uma forma ou de outra, ligadas às tarefas militantes de Mariátegui no Peru. Mariátegui encarnou o espírito militante do movimento intelectual que chamamos de nacionalização do marxismo. Não à toa, o peruano está no rol dos mais criativos marxistas de todos os tempos, composto por aqueles autores que souberam livrar o marxismo das amarras da ortodoxia,

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

sempre tendo em mente as particularidades de seus países, sem perder, no entanto, o paradigma de totalidade e da universalidade. Entre eles estão figuras como Lênin e Gramsci, junto das quais Mariátegui ocupa um lugar consensual no panteão daqueles que tornaram o marxismo uma teoria “viva” em seus contextos.

Em boa medida, se Mariátegui se tornou um marxista heterodoxo e criativo, foi justamente porque soube ler o processo russo no que ele apresentou de mais original e no que estava no cerne de seu sucesso: eivado de uma missão universal e totalizadora, o processo que levou ao êxito histórico e que também trouxe os principais desafios e dificuldades foi, eminentemente, *RUSSO*.

Referências Bibliográficas

ALCIBÍADES, Mirla. Presentación. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Literatura y estética**. Caracas, Fundación Biblioteca Ayacucho, 2006

ARICÓ, José. Introducción. In ARICO, José (org). **Mariátegui y Los Orígenes del Marxismo Latino-Americano**. México D.F., Pasado y Presente, 1978.

ARICÓ, José. O marxismo latino-americano nos anos da Terceira Internacional. In HOBSBAWN, Eric (org). **História do marxismo – volume VIII**. 2ª d. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1989.

BRECHT, Bertolt. Formalismo e Realismo. In: n: BARRENTO, João (org). **Realismo, Materialismo, Utopia** (uma polêmica. 1935-1940). Lisboa, Moraes Editores, 1978

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo, Editora Unesp, 2011.
KAYSEL, André. **Dois encontros entre o marxismo e a América Latina**. São Paulo, Hucitec, 2012

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**. São Paulo, Expressão Popular, 2009.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

LÖWY, Michael. Introdução – Nem decalque, nem cópia: o marxismo romântico de José Carlos Mariátegui. In: MARIÁTEGUI, José Carlos (2011). **Por um socialismo indo-americano** (org. Michael Löwy). Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2011.

LOWY, Michael. Introdução – Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina. In: LOWY, Michael (org). **O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

LUKÁCS, György. **La letteratura sovietica**. Roma, Editora Riuniti, 1955.

LUKÁCS, Georg. **Studies in european realism**. New York, The Universal Library, 1964.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1965.

LUKÁCS, Georg. Trata-se do realismo! In: JORDÃO, Carlos Eduardo. **Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o Expressionismo**. São Paulo, Unesp, 2016.

MACHADO, Carlos Eduardo. **Um capítulo da história da modernidade estética: debate sobre o Expressionismo**. São Paulo, Unesp, 2016.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Programa del Partido Socialista Peruano**, 1929. Disponível em <<https://www.marxists.org/espanol/mariateg/1928/oct/07a.htm>> Acesso em 29/03/2017.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Acta de constitución del Partido Socialista Peruano**, 1929. Disponível em <<https://www.marxists.org/espanol/mariateg/1928/oct/07.htm>> Acesso em 29/03/2017.

MARIÁTEGUI, José Carlos. O crepúsculo da civilização. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012a.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

MARIÁTEGUI, José Carlos. A Revolução Russa. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012b.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Lunatcharsky. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012c

MARIÁTEGUI, José Carlos. Máximo Gorki e a Rússia. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012d

MARIÁTEGUI, José Carlos. A nova literatura russa. MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012e.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Máximo Gorki, a Rússia e Cristóbal de Castro. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012f.

MARIÁTEGUI, José Carlos. O centenário de Tolstoi. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012g.

MARIÁTEGUI, José Carlos. A Rússia de Dostoiévski: a propósito do livro de Stephan Zweig. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012h.

MARIÁTEGUI, José Carlos. O Diário de Kostia Riabtzev. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012i.

MARIÁTEGUI, José Carlos. O realismo na literatura russa. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012j.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

MARIÁTEGUI, José Carlos. “Caminhantes”, por Lidia Seifulina. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012k.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Mobilização Antissoviética. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012l.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Sergei Essenin. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012m.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Leon Trotsky. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012n.

MARIÁTEGUI, José Carlos. O Exílio de Trotsky. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012o.

MARIÁTEGUI, José Carlos. “Os Artamonov”. Romance de Máximo Gorki. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012p.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **7 ensayos de interpretación de la realidad peruana**. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 2007.

PARSON, Guillermo. Trotsky y Mariátegui. **Razón y Revolución** (Buenos Aires), n.5, 1999.

PERICÁS, Luiz Bernardo. José Carlos Mariátegui e a Rússia. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. **Revolução Russa: história, política e literatura** – organização, tradução e prefácio de Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Expressão Popular, 2012.

PORTANTIERO, Juan Carlos. O nacional-popular: Gramsci em chave latino-americana. In: COUTINHO, Carlos Nelson; NOGUEIRA, Marco Aurélio (orgs). **Gramsci e a América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

QUIJANO, Aníbal. Prólogo – José Carlos Mariátegui: Reencuentro y debate. In: MARIÁTEGUI, José Carlos. *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Caracas, Biblioteca Ayacucho, 2007.

RICUPERO, Bernardo. **Caio Prado Júnior e a nacionalização do marxismo no Brasil**. São Paulo, Editora 34. 2000.

SANTAELLA GONÇALVES, Rodrigo e BRITO, Leonardo. Notas teóricas sobre a “nacionalização” do marxismo: os casos do Seminário d'O Capital e o do grupo Comuna. **Outubro**(São Paulo), v.28, 2017.

TAPIA, Luis. **La producción del conocimiento local**. La Paz: Muela del Diablo, 2002.

TROTSKY, Leon. **O que é a revolução permanente (teses)**, 1930. Disponível em <http://www.esquerdadiario.com.br/Leon-Trotsky-O-que-e-a-revolucao-permanente-teses> . Acesso em 13/03/2018.

Resumo:

O artigo analisa a interpretação do marxista peruano José Carlos Mariátegui sobre os aspectos históricos, políticos e culturais da Revolução Russa. Além de expor os principais traços de sua perspectiva, o artigo sustenta que na forma como Mariátegui interpretou a síntese entre nacional e universal produzida pela Revolução de 1917 encontram-se elementos que prenunciam as principais características do seu marxismo criativo, concretizado principalmente no seu clássico *7 ensaios de interpretações da realidade peruana* e nas formulações políticas do Partido Socialista Peruano, partido do qual colaborou na fundação. Assim, a Revolução Russa teria tido um impacto decisivo no pensamento “herético” de Mariátegui, e por sua vez sua análise sobre ela já demonstra as principais marcas de seu marxismo criativo.

Palavras-chave: José Carlos Mariátegui; Revolução Russa; Nacionalização do marxismo; marxismo latino-americano

Abstract:

The article analyzes the interpretation of the Peruvian Marxist José Carlos Mariátegui on the historical, political and cultural aspects of the Russian Revolution. In addition to exposing the main features of his perspective, the article maintains that in the way Mariátegui interpreted the synthesis between national and universal produced by the

Crítica e Sociedade: revista de cultura política, Uberlândia, v. 7, n. 2, 2017

Mariátegui e a Revolução Russa: marxismo criativo e militante
Leonardo Octavio Belinelli de Brito
Rodrigo Santaella Gonçalves

Revolution of 1917 are elements that foretell the main characteristics of his creative Marxism, materialized mainly in his classic 7 essays of Interpretations of the Peruvian reality and in the political formulations of the Peruvian Socialist Party, party of which it collaborated in the foundation. Thus the Russian Revolution would have had a decisive impact on Mariátegui's "heretical" thought, and in turn his analysis of it already demonstrates the main marks of his creative Marxism.

Keywords: José Carlos Mariátegui; Russian revolution; Nationalization of Marxism; Latin American Marxism.